

COBERTURA COM ENFOQUE PROJETUAL

AGUIAR, Clarissa Martins de Lucena Santafé

UFRGS. PROPAR

clauiar@gmail.com

Palavras-chaves: cobertura habitável, terraço-jardim, ensino-pesquisa-prática de projeto

Resumo

Verifica-se nas exposições de trabalhos acadêmicos das disciplinas de projeto a tendência em utilizar os telhados verdes como elementos de composição de projeto. Entretanto, apenas o aspecto ambiental é abordado e representado. Além de valorar a questão ambiental, os aspectos visuais, plásticos, funcionais, econômicos e sociais, devem ser explorados e assimilados. O objetivo do presente artigo é discutir o papel da cobertura como espaço habitável, com expressão formal, visibilidade e uso visando estreitar o diálogo entre o ensino, a pesquisa e a prática de projeto através de trocas de experiências. O trabalho inicia com a revisão bibliográfica, publicada por arquitetos e pesquisadores da área e críticos da arquitetura sobre o conceito terraço-jardim e se desenvolve através do estudo e análise de diversas tipologias e técnicas utilizadas atualmente em coberturas habitáveis. Resgatar os bons exemplos de arquitetura do passado e analisar os projetos mais recentes, em todo o mundo, para usá-los como exemplos para melhorar a qualidade da arquitetura e da cidade de Porto Alegre.

Introdução.

As cidades e as paisagens estão se modificando rapidamente, novos estilos de vida urbanos exigem novas formas urbanas. As mudanças climáticas e o uso do solo evidenciam que a paisagem cultural não é mais a que costumava ser. Aproveitar este momento de inovação potencial das cidades, através de novos planejamentos e desenvolvimentos de projetos urbanos, é a proposta. A arquitetura é ideal para responder a esta demanda abrangendo as escalas de intervenção humana na cidade e da paisagem, desde o planejamento até o projeto arquitetônico detalhado. Entretanto, não é só uma questão de projeto, é também uma questão política e social

Questões político-sociais.

As questões socioambientais terão cada vez mais papel de ponta na determinação das decisões de políticas do meio urbano. O setor público e privado devem ser parceiros no processo de gestão sustentável da cidade. Questões como as relativas à própria concepção de como deve ser um telhado e de como deve funcionar, tem que estar presente em todas as discussões. Isto exige ação interdisciplinar onde todos os requisitos de projeto devem ser pensados desde a

conceituação e concepção do objeto arquitetônico. A conscientização dos moradores da cidade e identificação destes com a nova tipologia, através da educação, e a oportunidade de vivenciarem estes espaços em edificações para visitação, valorando a questão estética e ambiental é fundamental.

A cobertura para viver

Neste trabalho a cobertura é tratada como um espaço para viver com habitabilidade. Pelo homem, e por todas as atividades a ele relacionadas. Áreas de lazer, de trabalho, vegetadas ou não, onde a paisagem, qualidade visual e valor estético são destacados. A ocupação da cobertura está relacionada à sua forma e a qual solução construtiva adequa-se. A cobertura plana foi a mais referida por Le Corbusier, mas todas as formas são suscetíveis de ocupação.

Na arquitetura moderna, a cobertura é concebida como um *lugar de viver*, é um lugar com uso, habitável, respondendo a um programa, com princípios e organização. E é normalmente de uso coletivo e multifuncional, resultado de uma cuidadosa composição estética. Dentro dos princípios modernistas, o conceito de lugar, remete aqueles espaços localizados e destinados basicamente às funções de cunho social, onde lugares são áreas funcionais destinadas ao exercício da socialização, espaços de convívio e dos núcleos de uma área de vizinhança.

Diversas são as possibilidades de uso das coberturas. A cobertura deixa de ser o arremate da edificação e passa a ser projetada com potencial de riqueza espacial. A escolha, definição e resolução formal da cobertura depende da técnica utilizada. Uma vez que as dificuldades de impermeabilização já são superadas, a cobertura plana, que pode ser vivida, recupera para uso o espaço que o edifício ocupou no terreno. O uso determina a solução específica com a complexidade estrutural necessária. As coberturas se materializam de diversas formas, dependendo do momento e do lugar, devendo responder às condições climáticas de forma eficaz.

Como áreas comunitárias, principalmente nos edifícios altos, como proposto, por exemplo, na Unidade de Habitação de Marselha; parques, como o Parque Guell de Gaudí; pistas de provas para automóveis, como a da Fábrica da Fiat em Turín; locais de cura de helioterapias nas coberturas, como o Sanatório Popular de Davos.

Como viver a cobertura

Os motivos principais para ocupação da cobertura, entre outros, são: (1) **valorizar o topo da edificação** como elemento de composição do espaço para ser habitado e não ser apenas o arremate do edifício. Com espaço e construção adequados, a implantação de área recreativa e institucional nas coberturas é uma alternativa para a promoção de áreas de lazer para coletividade; (2) **transformar a superfície final em paisagem urbana**; desfrutar de vistas mais agradáveis, menos áridas. A oferta de áreas comuns com jardins atraentes, em vez de superfícies

áridas, é um aspecto positivo do ponto de vista para a qualidade visual do empreendimento. Poderá representar o único caminho para personalização das edificações e a possibilidade de vivenciar o espaço exterior, o que favorece em especial as habitações de interesse social; (3) **promover o exercício da socialização**, Conforme Castello (2007), nas áreas funcionais destinadas ao exercício da socialização, mais do que uma interação adaptativa do indivíduo ao ambiente, predomina as interrelações entre o ambiente e a estrutura social na qual estão os indivíduos, como as regras coletivas de sobrevivência. Através da compreensão do espaço físico é possível entender o poder que o ambiente exerce sobre o homem e vice-versa, a maneira distinta dos indivíduos atuarem, reagirem, se estruturarem e, perceber o destaque que as questões ambientais passam a ter no processo de simbolização coletiva. (4) **restabelecer, física e emocionalmente, o ser humano**. Patrik Grahn e Ulrika A Stigsdotter (2003) afirmam que o planejamento da paisagem urbana e a interação com verde urbano próximo as edificações residenciais, tornam estas áreas mais acessíveis e atrativas, e resultam em ambientes mais reparadores da saúde. Maiores valores de propriedades terapêuticas aparecem com a combinação de telhado e fachada verde (Ulrich,1986 in Dunnet, 2005). A jardinagem envolvida na manutenção dos telhados verdes é uma das atividades terapêuticas recomendada por psicólogos. (5) **Aumentar a vida útil do telhado**. Pesquisadores europeus estimam que a vida útil de uma membrana de impermeabilização com cobertura vegetada é o dobro do tempo e que se paga ao longo dos anos (Dunnett, 2005). (6) Promover **benefícios higrotérmicos** como controle do escoamento superficial das águas pluviais, redução dos efeitos da ilha de calor urbano e contribuição para a eficiência energética das edificações minimizando os gastos com condicionamento do ar. (7) Contribuir para o **isolamento acústico**. O substrato tende a bloquear frequências mais baixas de som e as plantas as frequências mais altas (Dunnett, 2005).

Nigel Dunnett (Bolonha, 2009) afirma que a simples classificação de telhados verdes em coberturas ajardinadas tipo intensivo versus sistemas ecológicos extensivos é útil em um sentido amplo, mas talvez menos útil em termos de concepção. É hora de afastar estes dois termos e considerar cada telhado em função do seu mérito. Explorar as possibilidades de utilização de técnicas semi-extensivas e extensivas combinadas sobre telhados com acessibilidade, para criar coberturas-jardins mais sustentáveis.

MacDonough (2005) considera os telhados vivos como parte de um grande projeto para harmonizar os ambientes naturais e construídos, reconectando as pessoas à natureza. Um dos exemplos interessante é o Roppongi Hills, em Tokyo. Experimento urbano que visa revitalizar uma área decadente do centro, não somente através de desenvolvimento econômico, mas também agregando mais áreas verdes a cidade através da cobertura ajardinada. A variedade da paisagem sobre os edifícios mostra a criatividade no desenvolvimento urbano, conjugando uma rede de caminhos, jardins e telhados verdes. Jurado (2011) analisa dois projetos com soluções de cobertura não usual, a Escola infantil Fuji, também em Tóquio, onde a cobertura plana é

concebida como um plano transitável, é um lugar de brincadeiras para as crianças, e o Museu de História de la Vendée, na França, que se encontra semienterrado, com o objetivo de fazer desaparecer a arquitetura na paisagem, a planta de cobertura está projetada como continuação dos campos que forma o entorno natural. The Oakland Museum (Martinez, 2005), na Califórnia é uma cobertura transitável, que se confunde como uma praça. Os visitantes e pedestres se movimentam através de ruas, passarelas, escadas e se conectam a rede viária urbana. Sobre o edifício existem plataformas que permitem a entrada da luz natural através de grandes esquadrias e áreas com plantação de arbustos e áreas gramadas.

Considerações finais.

A dificuldade de incorporar valores ambientais em termos de valores culturais é um problema a ser solucionado. É importantíssimo a publicização do conhecimento acadêmico e debates com a comunidade. Integração da pesquisa na sala de aula, através de aulas expositivas com a participação de mestrandos, doutorandos e pesquisadores do tema.

Referências Bibliográfica

AGUIAR, Clarissa. *Viver nas alturas* in: II DOCOMOMO SUL, PROPAR, Porto Alegre, 2008.

AGUIAR, Clarissa; FEDRIZZI, Beatriz. *Coberturas Vivas em Porto Alegre*. In : V Encontro Nacional III encontro latino Americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis e II Bial de Sustentabilidade José Lutzenberger. Recife, 2009.

CASTELLO, Lineu. *A percepção de lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo*. PROPAR-UFRGS.2007.

DUNNETT, N.; KINGSBURY, N. *Planting green roofs and living walls*. Portland, Or.: Timber Press, 2004.

DUNNET, N. *People and nature: integrating aesthetics and ecology on accesible greenroofs*. In: **Second International Conference on Landscape and Urban Cultura. Bolonga, 2009**.book of abstracts.

MACDONOUGH. **Green roofs: ecological design and construction**. Atglen, Pa: Schiffer Pub.2005.

MARTÍNEZ, Andrés. **Habitar la cubierta**. Gustavo Gili: Barcelona. 2005.

PINON. **Teoria do Projeto**. Livraria do arquiteto.2006.

TECTONICA. Tema monográfico **Cubiertas: nuevos usos**. n.34. ATC Ediciones, Madrid. Febrero, 2011.

JURADO, José . *Cubiertas: un enfoque proyectual* in: TECTONICA. Tema monográfico **Cubiertas: nuevos usos**. n.34. ATC Ediciones, Madrid. Febrero, 2011.